

## 6.

### Conclusão

O objetivo central desta tese foi analisar a influência da retórica antiga, sobretudo a de Cícero e sua união entre *res* e *verba*, na recuperação da retórica na Renascença por Erasmo de Rotterdam, um dos principais catalisadores e difusores desta tradição. Esta forma de fala e escrita oriunda dos antigos - desenvolvida inicialmente na Grécia do século V a.C. pelos sofistas e estendida por todo o mundo antigo do Ocidente - possuía um objetivo muito claro: dar ao discurso a forma mais persuasiva possível para que por meio da linguagem o orador fosse capaz de convencer até mesmo uma platéia hostil da veracidade dos seus argumentos.

Por sua relevância política a retórica tornou-se na Antigüidade um meio extremamente eficaz nas deliberações públicas das cidades, sendo seu ensino ministrado nas melhores escolas. Cabiam aos futuros oradores o aprendizado das cinco partes da retórica: a escolha dos argumentos mais apropriados a uma discussão (*inventio*), a disposição dos mesmos argumentos da forma mais instigante ao ouvinte ou leitor (*dispositio*), a escolha das palavras, expressões e figuras de linguagem mais adequadas as temáticas escolhidas (*elocutio*), a capacidade de guardar na mente com firmeza as coisas descobertas (*memoria*), e o uso correto da voz, da aparência e dos gestos para a construção de um estilo moderado e elegante (*pronuntiatio*).<sup>1</sup> Do mesmo modo, também era tarefa do orador antigo conhecer perfeitamente os três tipos de discurso – o deliberativo, o judiciário e o demonstrativo – e o momento apropriado onde usar cada um desses tipos. Um outro elemento do aprendizado dizia respeito ao número de partes de um discurso adequadamente organizado, a saber: *proemium*, a *narratio*, a *confirmatio*, a *propositio*, a *partitio*, a *refutatio* e a *peroratio*, conforme a divisão proposta por Quintiliano.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Essas são, em linhas gerais, as cinco partes da retórica que os oradores greco-romanos deveriam deter sua atenção, embora existam algumas discordâncias entre os tratados antigos em relação ao peso ou a importância de cada uma dessas partes, como dissemos no capítulo 1.

<sup>2</sup> Segundo Aristóteles são quatro as partes do discurso: o proema, a proposição, a prova (que contém a confirmação, a refutação, a ampliação e a diminuição) e o epílogo. Segundo o *Ad Herennium*, entretanto, esse

No entanto, além desses conhecimentos técnicos, Cícero ainda destacava a importância do saber filosófico na formação de todo o orador, tendo em vista que conhecimento e eloquência (*res e verba*) não poderiam ser dissociados. Com o fim das repúblicas em Roma e o retorno da monarquia ao poder, os espaços de deliberação política se tornaram cada vez mais escassos. Deste modo, os gêneros judiciais e deliberativos antes associados aos fóruns e assembleias cederam espaço para a emergência de um outro tipo de discurso mais apropriado à nova realidade política da época: o discurso demonstrativo ou epidíctico, que diz respeito ao louvor e aos elogios das coisas que julgamos honradas. Mas, antes desse momento, os retóricos clássicos pouco tinham o que dizer sobre esse discurso, considerado uma forma menos importante por Aristóteles, pelo *Ad Herennim* e por Cícero, no *De Oratore*. Essas são muito brevemente algumas das causas que contribuíram para o declínio da eloquência no mundo antigo e, conseqüentemente, também da Idade Média, onde esse conjunto de saberes técnicos e filosóficos se manteve restrito a poucas ou ínfimas áreas de estudo na Europa.

O saber dos antigos apenas começou a ser resgatado de fato pelos primeiros humanistas no século XIV, a partir das descobertas realizadas por Petrarca de alguns textos clássicos. Marcadas as diferenças temporais entre dois momentos tão distintos da história, procuramos perceber ao longo desta tese como a retórica utilizada nos tribunais e senados greco-romanos, pôde ser retomada e aplicada séculos mais tarde tanto nas repúblicas italianas dos séculos XIV e XV, quanto nos textos dos humanistas cristãos do século XVI para a persuasão dos fiéis a levarem uma vida mais adequada aos verdadeiros preceitos cristãos, como dissemos antes, tão distantes das regras e abstrações escolásticas. Nossa questão era então compreender que retórica é essa que emerge na Renascença? Quais as diferenças mais marcantes entre essas retóricas? Mas, sobretudo, o nosso objetivo foi analisar qual a importância e a função desta nova retórica. A que fins ela serve, então, numa outra temporalidade e num contexto cristão e não pagão? Com efeito, sua vinculação ao cultivo da espiritualidade cristã no contexto humanista não significava sua dissociação das preocupações com a dimensão da vida pública e com a intervenção direta na ordem política

---

esquema precisa ampliar-se para abranger seis partes distintas: o exordium, a narratio, a divisio, a confirmatio, a confutatio e a conclusio. Cf.: Aristóteles. *Arte Retórica. Arte Poética*. Cf. também Retórica a Herênio, I, III.4 e Quintiliano. *Institutio Oratoria*, IV, I.1.

e social, como podemos comprovar no papel central que teve o ideal da reforma pedagógica no pensamento de Erasmo e de muitos outros humanistas cristãos de seu século.

O aprendizado das línguas e a leitura dos textos clássicos seriam para o humanista um ponto de partida para que os homens pudessem se exercitar antes de adentrar como ele diz no *Enquiridion*, com pés e mãos sujas na leitura das Escrituras. Este saber apenas teria valor se estivesse associado à elevação moral e espiritual. O saber pelo saber visando apenas a glória e o reconhecimento dos oradores (como no mundo antigo) não interessava a Erasmo. Para o humanista a eloquência não é apenas uma arte da ornamentação, mas sim a forma ideal de servir à verdade e à dignidade do homem em sua relação com Deus e seus semelhantes. Portanto, ao orador cristão caberia expor somente idéias justas e coerentes, de modo que sua persuasão conduzisse um número cada vez maior de fiéis a seguir a verdadeira filosofia cristã. Seria somente deste modo que a união entre saber e eloquência deveria ser entendida e utilizada pelos humanistas cristãos da Renascença.

Nesse sentido, o orador cristão não é, como na Antigüidade Clássica, apenas o homem virtuoso (*vir bonus*) e comprometido com os deveres cívicos, capaz de bem falar e persuadir qualquer auditório. Ele é também aquele que contribui, graças à razão, mas também devido à ajuda divina, à pureza da fé. O pregador cristão tal como Erasmo o define no *Ecclesiastes* tem exatamente esta função: ele deve utilizar de suas palavras e de sua voz eficaz para “retirar as almas mergulhadas nos vícios” e direcioná-las no caminho da salvação, pois “é com as línguas antes de tudo que se serve o pregador: suas armas são a doutrina sagrada, as lágrimas, as preces e uma vida sem faltas.”<sup>3</sup> A linguagem assume então para Erasmo uma importância vital em seus trabalhos, tendo em vista que o pregador ou o orador cristão podem curar pela palavra aqueles que sofrem não de um, mas de vários vícios. Portanto, a verdadeira persuasão é aquela que atinge o coração, que faz o homem se elevar e se transformar diante de uma nova religiosidade pautada na simplicidade e na caridade cristã.

Destacando a função terapêutica que a retórica assume na Renascença, Erasmo dedica quase a maioria de suas obras ao tratamento das questões pedagógicas – como nos *Antibábaros*, *Colóquios*, *Adágios* e em seus manuais pedagógicos, como o *Ratio studii* e o *De copia* - resgatando e defendendo o aprendizado da arte retórica nas escolas e

---

<sup>3</sup> Érasme. “Ecclesiastes” in *Oeuvres Choisies*, p. 978.

universidades contra os escolásticos que reprimiam e condenavam o estudo das disciplinas humanísticas em prol da dialética. A dialética, para ele, não era apenas inútil na pregação cristã por não tocar os corações, mas era também uma arte dedicada à divisão, a disputa e ao sectarismo. É nesse sentido que o humanismo da Renascença se opôs vivamente ao ensino dos gramáticos medievais.

A reforma do ensino tornou-se então condição fundamental para a renovação da própria teologia, que deveria se afastar cada vez mais das distinções conceituais e das proposições escolásticas que não contribuíam em nada para o conhecimento da verdadeira mensagem cristã. O domínio da linguagem assumiu para Erasmo, e para humanistas como Colet, Morus, Vives, entre tantos outros, uma importância vital, protagonizando um vasto movimento de renovação intelectual, político e cultural ligado à tendência de secularização sobre as noções da natureza humana e dos poderes da razão, definidos por um ideal de ação e investigação das coisas do mundo.

Esperamos com este trabalho estimular os estudos sobre a retórica destacando a grande importância de suas implicações na constituição do pensamento moderno. O exame da obra de Erasmo exemplifica bem como podia ser extensa a dimensão de seu uso. Ele estendia seus domínios do âmbito restrito da deliberação política imediata, tal como ocorria entre os primeiros humanistas cívicos italianos, para o desenvolvimento do ideal ciceroniano da união entre eloquência e filosofia no sentido de sua recriação para responder aos problemas mais complexos da vida de seu tempo, referentes, como já vimos, à questão da formação espiritual do homem e do estabelecimento de uma nova religiosidade que tinha por cerne o contato direto com Deus e o apreço à liberdade da ação crítica no mundo. Este é um dos pontos de maior importância ao analisarmos o uso da retórica feito por ele, pois todo o esforço da sua pedagogia consiste no bom uso desta arte para fins cristãos, ou seja, na reprovação de uma retórica que se exhibe, apenas preocupada com o ornamento e com o formalismo.